



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Graça comum: diálogo e cooperação

Common Grace: dialogue and cooperation

Rodomar Ricardo Ramlow*

Resumo

Diante de uma realidade religiosa que, por um lado expressa grande pluralidade e, por outro, forte tendência sectária, o Brasil evidencia um cristianismo também dividido e incapaz, muitas vezes, de dialogar com o espectro cultural mais amplo e, assim, deixa de oferecer a sua contribuição à sociedade. Com isso coloca-se o desafio para que os cristãos aprendam a dialogar e respeitar diferentes posições, embora possam conservar suas convicções. Uma vez que a igreja está no mundo ela deveria buscar na pluralidade cultural bases comuns que favoreçam o diálogo e a colaboração em causas afins, especialmente quanto às definições de políticas públicas. Neste sentido, apresentamos a doutrina conhecida como graça comum, sistematizada especialmente pela tradição reformada holandesa, como subsídio para ampliar a visão cristã no que diz respeito às possibilidades de uma relação mais pacífica e, até mesmo, propositiva com a realidade sociocultural à sua volta.

Palavras-chave

Graça Comum. Teologia Pública. Diálogo. Herman Bavinck.

Abstract

Before a religious reality that, if in one hand it presents itself as a great plurality, on the other hand it displays a sectarian tendency, Brazil has a form of Christianity also divided and incapable of, so many times, dialoguing with a broader cultural spectrum. In doing so, it lacks in offering its contribution to society. From that, a challenge is set up for Christians to learn to dialogue with different positions, even though the maintenance of their convictions. Once that the church is in the world it should seek in the cultural plurality common basis that facilitate the dialogue and collaboration in similar aims, especially in the making of public policies. In this sense, we present the doctrine known as common grace, which was systematized by the Dutch reformed tradition, as a basis

[Texto recebido em 01/10/2015 e aceito em 17/05/2016, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc].

* Rodomar Ricardo Ramlow. Doutorando em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Integrante do Grupo de Pesquisa Teologia Pública em Perspectiva Latino-Americana. Bolsista CAPES 2. Professor de Teologia na Faculdade de Teologia Evangélica em Curitiba. E-mail: rodomar.ramlow@gmail.com

to wider the Christian view regarding the possibilities of a more pacific and propositional relationship with its surrounding socio-cultural reality.

Keywords

Common Grace. Public Theology. Dialogue. Herman Bavinck.

Introdução

É comum encontramos na literatura cristã, especialmente nos densos volumes da teologia sistemática, o conceito de *graça comum*. A dificuldade, ao que parece, estaria na popularização quanto ao significado desta doutrina. E, mais que isso, na apreensão do significado que possa gerar uma manifestação viva coerente com este significado. Em 1894 o teólogo reformado Herman Bavinck¹ (1854-1921) publicou um texto intitulado *De Gemeene Genade*. Na sua versão inglesa, publicada em 1989, há uma introdução de Raymond van Leeuwen em que ele afirma que a doutrina reformada da graça comum teria sido um dos maiores frutos que o avivamento neocalvinista holandês da segunda metade do século 19 trouxe, uma vez que havia ficado no esquecimento desde Calvino.² Já Abraham Kuyper (1837-1920), amigo e colega da mesma tradição de Bavinck, escreveu *De gemeene Gratie* (1901-1905) que, no entendimento de James D. Bratt, apresentaria a doutrina de maior alcance nos trabalhos de Kuyper.³ Bavinck já lia e acompanhava o trabalho de Kuyper desde muito cedo. A amizade dos dois teólogos permite concluir que houve influências mútuas a este respeito. Isso explica as referências à tradição do neocalvinismo holandês para tratar do tema da graça comum.

Este artigo apresenta a doutrina da graça comum, especialmente como concebida e desenvolvida na tradição holandesa, sugerindo que sua compreensão e apreensão pela igreja brasileira pode contribuir para a reflexão teológica e prática de uma igreja que carece de fundamentação e motivação para se colocar em diálogo com grupos e tradições de outras vertentes religiosas e culturais. Os cristãos podem, fundamentados na graça comum de Deus, acolher muitas coisas que costumam rejeitar de grupos que não compartilham de sua fé.

Realidade brasileira

Desde a chegada dos colonizadores europeus, o Brasil se viu como uma nação cristã seja pelos católicos romanos que aqui desembarcaram ou pela posterior chegada de

¹ Para maiores informações a respeito de Herman Bavinck e a tradição do neocalvinismo holandês ver RAMLOW, Rodomar Ricardo. *O neocalvinismo holandês e o movimento de cosmovisão cristã*. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2012. Para uma biografia completa de H. Bavinck ver GLEASON, Ronald N. *Herman Bavinck: pastor, churchman, statesman, and theologian*. Phillipsburg: P&R Publishing, 2010.

² BAVINCK, Herman. *Common Grace*. *Calvin Theological Journal*, n. 24, 1989. p. 35-65.

³ BRATT, James D. *Abraham Kuyper: a centennial reader*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998. p. 165.

imigrantes protestantes e dos missionários evangélicos. A ideia de uma cultura cristã foi trazida e se instalou no país. Embora os evangélicos sempre tenham mostrado crescimento estatístico, especialmente a partir da década de 1980 a curva de crescimento se acentuou. De acordo com indicadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Censo 2010, os evangélicos ultrapassam 22% da população brasileira. Existem controvérsias sobre quem seriam estes evangélicos, especialmente pela variedade de grupos e denominações espalhados pelo Brasil.⁴ Apesar de demonstrações de que este crescimento vem desacelerando, o número de evangélicos no país é expressivo. E há quem arrisque previsões de que o crescimento continuará.⁵

São inúmeras as análises com publicações e debates em torno da realidade brasileira no que se refere à sua pluralidade religiosa. Há diversos grupos e subdivisões dentro do cristianismo brasileiro, especialmente a partir do século 20. Nas publicações e pesquisas, diferentes propostas e tipologias são apresentadas. E, para cada tentativa de categorização novas subdivisões e tipologias surgem.⁶ A questão inquietante em foco aqui é o isolamento e incapacidade de dialogar com outras tradições, inclusive os considerados “descrentes” mesmo quando as causas são comuns aos interesses da igreja. Os cristãos evangélicos são alvo constante de críticas quanto a sua relação com a cultura, a política e a sociedade em geral. Conforme o jornalista Luciano P. Vergara, “um país em cuja população há quase um evangélico para cada quatro habitantes” dever-se-ia perceber “o

⁴ Magali Cunha lembra que “quando se fala de ‘evangélicos’ no Brasil, a referência em geral é feita ao conjunto de cristãos não católicos presentes no país”. Trata-se de uma imagem “evangélica” construída a partir de grupos que podem ser distinguidos, especialmente, por três ramificações principais: protestantes vindos dos Estados Unidos a partir de meados do século 19, os pentecostais, chegando no início do século 20 e, depois, os neopentecostais. CUNHA, Magali do Nascimento. *Religião na esfera pública: a tríade mídia, mercado e política e a reconstrução da imagem dos evangélicos brasileiros na contemporaneidade*. In: REBLIN, Iuri; SINNER, Rudolf von (Orgs.). *Religião e Sociedade: desafios contemporâneos*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012. p. 173.

⁵ Para o sociólogo Paul Freston, algumas previsões chegam a dizer que “se mantidas as tendências atuais, os evangélicos poderão chegar a um terço da população em 10 anos e irão superar os católicos em 20 ou 30 anos”. FRESTON, Paul. *O sentido do Censo 2010*. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/338/o-sentido-do-censo-2010>>. Acesso em: 04 mar. 2015.

⁶ Gedeon Alencar, em sua obra que pretende analisar o protestantismo brasileiro com o objetivo de tratar o tema que diz respeito à contribuição ou não do protestantismo na cultura brasileira, fala em um protestantismo de migração e outro de missão, do pentecostalismo e do neopentecostalismo. Cada grupo possui suas particularidades e razões. ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005. p. 26. Por sua vez, Marcus Throup nota que “no Brasil, quer queira quer não, ao falarmos do cristianismo, estamos falando, na verdade, de uma vasta convergência (para não dizer confusão) de grupos, crenças e subculturas. Trata-se de uma realidade altamente heterogênea de difícil apreensão e classificação”. THROUP, Marcus. *A Igreja na berlinda: reflexões sobre o cristianismo brasileiro por um filho adotivo*. Curitiba: Encontro, 2011. p. 112. Já Ronaldo Cavalcante lembra que no Brasil o vocábulo “Protestante” costuma “indicar uma realidade ausente e desconhecida” e o que teríamos “aquí hoje no nosso país, como objeto empírico, verificável é - a igreja evangélica brasileira, que não possui quase relação alguma, com o protestantismo descrito na história, uma conexão mínima com a memória protestante numa história remota”. CAVALCANTE, Ronaldo. *A cidade e o gueto: introdução a uma teologia pública protestante e o desafio do neofundamentalismo evangélico no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p. 129.

seu perfil cultural alterado pelos valores evangélicos”.⁷ No entanto, não é isso que se costuma sentir. Quais seriam as razões que geram tantas críticas e dificuldades para que a igreja brasileira assuma um papel protagonista mais efetivo dentro da realidade sociocultural brasileira? O teólogo Marcus Throup denuncia a falta de engajamento da igreja brasileira que, apesar de seu propalado crescimento numérico, não tem conseguido traduzir tal crescimento em transformações concretas na sociedade.⁸ Também o teólogo Ronaldo Cavalcante detecta que o protestantismo brasileiro, “diferentemente do europeu cuja vanguarda cultural se fez notória, teve uma presença tímida, pra não dizer pífia na história da cultura nacional” sem conseguir participar como uma formadora de opinião política e social, boicotando, assim, a cultura.⁹ Por sua vez, Júlio Zabatiero constata que o “crescimento numérico não tem sido acompanhado pelo crescimento no discipulado. [...] A nossa presença na mídia não difere em quase nada da presença ‘mundana’ na mídia. E o mesmo vale para nossa participação no Estado”. Zabatiero admite que, como igreja evangélica brasileira, somos também “clientelistas, privatistas, patrimonialistas”. Consequentemente, a participação pública desta igreja acaba apenas sendo o reflexo de seu “pobre arremedo de espiritualidade”.¹⁰ O pastor Antônio Carlos Costa, líder da ONG Rio de Paz, declara que “o preconceito quanto aos assuntos de natureza política mantém milhões de cristãos completamente alheios aos desmandos que ocorrem no mundo político”.¹¹

Diagnósticos críticos como descritos acima são comuns na literatura sobre o crescimento dos evangélicos no Brasil.¹² Por outro lado é necessário reconhecer também o processo histórico que levou a religião cristã a ser relegada, no Ocidente, a uma questão privada, íntima, individual.¹³ Além dos esforços legítimos para que cada esfera de realidade mantenha sua autonomia, e, a liberdade que assegure a laicidade do Estado, existem também forças de intolerância contrários a toda e qualquer manifestação que “cheire” a religiosidade. Nosso foco, porém, é a igreja e o mundo evangélico que, por

⁷ VERGARA, Luciano P. *Brasil: 22,2% de evangélicos*. Blog pessoal do autor. Disponível em: <<http://lpereyra.blogspot.com.br/2012/07/brasil-222-de-evangelicos-luciano-p.html>>. Acesso em: 04 mar. 2015.

⁸ THROUP, 2011, p. 39. Throup assume-se como um teólogo estrangeiro que se aventura a escrever sobre a igreja e a espiritualidade evangélica brasileira. Sua obra é fruto de suas reflexões após trabalhar já há dez anos numa igreja e num projeto social no Nordeste brasileiro.

⁹ CAVALCANTE, 2010, p. 132-133.

¹⁰ ZABATIERO, Júlio. *Para uma Teologia Pública*. São Paulo: Fonte Editorial/Faculdade Unida, 2012. p. 19.

¹¹ COSTA, Antônio Carlos. *Convulsão protestante: quando a teologia foge do templo e abraça a rua*. São Paulo: Mundo Cristão, 2015. p. 209. Sobre a ONG Rio de Paz ver maiores detalhes em <<http://www.riodepaz.org.br/>>. Acesso em: 17 set. 2015.

¹² Na denúncia de Magali do N. Cunha, a primeira bancada evangélica, formada para o Congresso Constituinte de 1986 “foi marcada pelo fisiologismo e a histórica farta distribuição de estações de rádio e canais de TV aos deputados evangélicos”. CUNHA, 2012, p. 185.

¹³ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. O público em “Teologia Pública”. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 53, n. 1, 2013. p. 79.

razões diversas, parece acreditar que a cultura e o contato com o mundo devem ser evitados.

Por outro lado não devemos ignorar que existem muitos esforços de cristãos que, a partir de igrejas locais, procuram servir às pessoas e fazer a diferença com iniciativas que promovam a justiça pública. No entanto, "ainda que marcada por uma atitude crítica em relação a comportamentos específicos, considerados pecaminosos, as igrejas evangélicas brasileiras não conseguiram se diferenciar significativamente do *ethos* nacional" (patriarcalismo, personalismo, familismo, privatismo, messianismo).¹⁴ Assim, a ética evangélica brasileira estaria marcada pela ambiguidade que reconhece que é necessário ser "diferente" e, ao mesmo tempo, mantém-se num "conservadorismo moral nos âmbitos social e político". Com isso a "diferença" não passaria do chamado "testemunho pessoal".¹⁵ O mundo e as pessoas envolvidas com a cultura mundana em geral não passam de um alvo evangelístico. Desta mesma forma, Ricardo Gondim, analisando o movimento de missão integral no Brasil, conclui que "as Igrejas Evangélicas desprovidas de reflexão teológica consistente com sua realidade, não conseguiram promover transformação".¹⁶ Em sua pesquisa a respeito do filósofo reformado Herman Dooyeweerd e sua possível contribuição na problemática que envolve a relação entre o cristão e a cultura, Josué Reichow levanta a questão "sobre as razões do não envolvimento de muitos cristãos em esferas como a política, filosofia e as artes. Qual a explicação para um baixo impacto cultural cristão no contexto brasileiro?".¹⁷ Às análises, portanto, dos autores acima, poderiam ser somadas muitas outras que detectam os mesmos problemas referentes à dificuldade do mundo cristão brasileiro com a cultura.

As estatísticas no Brasil confirmam outras previsões sobre a religião no mundo para o hemisfério sul. A previsão de Philip Jenkins é que "a médio prazo - digamos, nos próximos cinquenta anos - realmente assistiremos a um crescimento assombroso das populações meridionais e a uma mudança decisiva dos centros populacionais para os continentes do Sul".¹⁸ Diante do desafio de imaginar como será a crença desse novo

¹⁴ ZABATIERO, 2012, p. 59.

¹⁵ ZABATIERO, 2012, p. 60. Júlio Zabatiro argumenta que se desenvolveu uma relação de "amor-ódio" entre o protestantismo e a modernidade que, além de aspectos positivos, apresentou também pontos negativos. Um destes seria que "o protestantismo se transportou da valorização da individualidade para a adoção do individualismo", o que teria levado à fragmentação e a uma progressiva diluição da unidade "entre fé, teologia e ética". As consequências disso são demonstradas por Zabatiero naquilo que poderíamos chamar de uma vida de fé dualista, que, por um lado, expõe sua religiosidade, enquanto que por outro, demonstra um individualismo incoerente com a fé que diz professar. ZABATIERO, 2012, p. 41.

¹⁶ GONDIM, Ricardo. *Missão integral: em busca de uma identidade evangélica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p. 146.

¹⁷ REICHOW, Josué. *A filosofia reformada de Herman Dooyeweerd e suas condições de recepção no contexto brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, 2014. p. 12.

¹⁸ JENKINS, Philip. *A próxima cristandade: a chegada do cristianismo global*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 118. Para Jenkins, afirmar "que o Brasil será um dos principais centros do cristianismo mundial está fora de dúvida, mas os contornos precisos de sua vida religiosa são incognoscíveis". JENKINS, 2004, p. 132.

cristianismo emergente no Sul do globo, Jenkins aposta que uma grande mudança deverá envolver o pressuposto, "derivado do Iluminismo, de que a religião deve ficar segregada numa esfera separada da vida, distinta da realidade cotidiana".¹⁹ Ainda na leitura de Jenkins, "os tipos de cristianismo que prosperam com mais sucesso no Sul do globo têm sido muito diferentes do que inúmeros europeus e norte-americanos consideram como a corrente central". Muito do que se têm visto no crescimento das igrejas na África e na América Latina tem sido contestado, sob a acusação de ressurgimento de práticas pagãs.²⁰ Muitas destas críticas sobrevêm devido às características sectárias, de rivalidades entre si, onde "as coisas estão bem diluídas"²¹ e há um apelo muito forte de retorno às questões místicas, mas, sobretudo, prevalece o "legalismo religioso" e a dificuldade com a cultura em geral ou, para com as "coisas do mundo".²² Tudo isso num contexto mundial que vê ainda com preocupação o fortalecimento de movimentos fundamentalistas marcados pela incapacidade e indisposição para com qualquer tipo de diálogo. Qual diferença uma doutrina como a sistematizada sob o conceito de graça comum pode significar na teoria e prática da igreja cristã em sua relação com a cultura à sua volta?

Graça comum

Falar de graça comum pressupõe a existência de outra expressão da graça de Deus, uma graça especial. Essa dupla distribuição da graça de Deus é explicada pelo teólogo reformado holandês Herman Bavinck que compreende que enquanto a graça especial diz respeito "à renovação do mundo", a graça comum, por sua vez, age "com vistas à restrição do mal". Embora concebidas como distintas em sua atuação, "ambas têm sua unidade em Cristo", assegurando "a conectividade entre criação e recriação". Jesus Cristo seria a graça especial de Deus para a salvação daquele que crê. A graça comum, no entanto, está presente no mundo e é concedida "em certa medida a todos os povos e a todos os tipos de pessoas".²³ Isso explicaria, por exemplo, que em todos os lugares e em todas as épocas é possível identificar pessoas de diferentes tradições religiosas que são capazes de refletir o que é bom e verdadeiro. Assim, a partir da graça comum de Deus, é possível reconhecer e celebrar tudo o que há de bom e verdadeiro no mundo, independentemente da religião e da cultura que o produziu. Uma definição da graça comum a partir do contexto do neocalvinismo holandês é oferecida por John Bolt em sua introdução à *Dogmática Reformada* de Herman Bavinck:

¹⁹ JENKINS, 2004, p. 191.

²⁰ JENKINS, 2004, p. 149.

²¹ ALENCAR, 2005, p. 25.

²² THROUP, 2011, p. 21. Throup reconhece aquilo que chama de "legalismo religioso" que atua num dualismo entre as coisas sagradas e profanas, levando os cristãos a evitar "as coisas do mundo".

²³ BAVINCK, Herman. *Dogmática reformada: o pecado e a salvação em Cristo*. v. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. p. 582.

A doutrina da graça comum está baseada na convicção de que, antes e, até certo ponto, independentemente da soberania particular da graça divina na redenção, há uma soberania divina universal na criação e na providência, restringindo os efeitos do pecado e concedendo dons gerais a todas as pessoas, tornando, assim, possíveis a sociedade e a cultura humana até mesmo entre os não-redimidos. A vida cultural está arraigada na criação e na graça comum e, portanto, tem vida independente da igreja.²⁴

Deus, portanto, não estaria interessado meramente numa parte do mundo chamado *cristão* ou *igreja*, confirmaria Bavinck, pois

O mundo não foi abandonado depois da queda nem privado de toda graça, mas é sustentado e tratado com consideração pela graça comum, guiado e preservado pela graça especial em Cristo. Separação e supressão, portanto, são impermissíveis e impossíveis. Seres humanos e cristãos não são duas entidades separadas.²⁵

Apesar da realidade da queda e do pecado, Deus não abandona o mundo à própria sorte. Ele intervém, “primeiro com sua graça comum para restringir o poder do pecado e da morte” e, depois, “com sua graça especial, para vencer e conquistar esse poder”.²⁶ Nota-se, de imediato, como o desafio aos cristãos consiste em aumentar o escopo da soberania de Deus.

Especialmente na tradição reformada holandesa, embora tenha encontrado oponentes, a doutrina da graça comum levou a uma abertura da igreja e dos cristãos para uma teologia de responsabilidade pública, onde a vida cristã podia ser compartilhada com o mundo das artes, da ciência e da cultura. Toda a riqueza cultural podia ser apreciada pelos cristãos.²⁷ No entendimento dos neocalvinistas holandeses, a graça comum seria totalmente coerente com a concepção de soberania de Deus. A doutrina da graça comum foi de fundamental importância para o empreendimento de pensadores que criam numa atuação dos cristãos na arena pública, em contato com uma realidade plural e diversificada.

Embora a ideia de graça comum fosse, de fato, compartilhada entre os neocalvinistas, havia também controvérsias. Engelsma lembra que até mesmo Kuyper teria criticado Bavinck por sua crença exagerada de que há algo bom e verdadeiro em praticamente todas as filosofias, todas as teorias científicas, e todas as propostas culturais. A acusação é de que Bavinck teria acomodado filosofias estranhas à teologia reformada.²⁸

²⁴ BOLT, John. *Introdução do organizador*. In: BAVINCK, Herman. *Dogmática reformada: prolegômena* v. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. p. 16.

²⁵ BAVINCK, Herman. *Dogmática reformada: Espírito Santo, Igreja e nova criação*. v. 4. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. p. 442.

²⁶ BAVINCK, v. 4, 2012, p. 621.

²⁷ BRATT, 1998, p. 165ss.

²⁸ ENGELSMA, David J. Herman Bavinck: the man and his Theology. *Protestant Reformed Theological Journal*, v. 46, n. 1, nov. 2012. p. 26.

A busca por uma síntese entre o cristianismo e a cultura refletiria a influência da filosofia neotomista sobre Bavinck, segundo a qual a fé cristã poderia enriquecer e cristianizar a cultura de seu tempo. A crítica de Engelsma, que também se direciona contra Kuyper, é de que o neocalvinismo afirmava o *mandato cultural* e a *graça comum* para fortalecer seu projeto de recristianizar a cultura.²⁹ Sobre a graça comum kuyperiana, Herman Hanko a define como “a graça de Deus, operada pelo Espírito Santo no coração de todos os homens, que restringe o pecado e capacita o homem a fazer o bem”.³⁰ De acordo com Hanko, em suas pretensões políticas Kuyper teria desenvolvido a doutrina da graça comum para justificar a possibilidade de alianças entre cristãos e não cristãos, bem como reformados com católicos romanos na busca por atingir seus objetivos. Nas palavras de Hanko:

A graça comum era o fundamento sobre o qual crentes e incrédulos, na verdade todos os cidadãos da Holanda, poderiam cooperar numa causa comum de cristianizar o mundo, ou torná-lo verdadeiramente reformado. Esse foi o fundamento, portanto, para o envolvimento de Kuyper na política e para sua coalizão com os católicos romanos.³¹

Portanto, nem Kuyper e tampouco Bavinck ficaram imunes às críticas e ataques no que se refere à doutrina da graça comum.³² Como homens de seu tempo, lidando com dilemas concretos e desafios amplos, Bavinck e Kuyper obviamente não deixaram de cometer seus erros e falhas. Com isso, é possível, assim como acontece com praticamente todos os grandes vultos da história, encontrar interpretações diversas e críticas desde as

²⁹ ENGELSMA, 2012, p. 30.

³⁰ HANKO, Herman. *Contending for the faith*. Jenison: Reformed Free Publishing Association, 2010. p. 351.

³¹ HANKO, 2010, p. 352. Abraham Kuyper, além de teólogo e pastor, foi também personagem marcante na história da Holanda por seu envolvimento em diversas áreas. Fundou a Universidade Livre de Amsterdã, jornais, o primeiro partido político democrata-cristão a ser estabelecido na Europa, e chegou a ser primeiro ministro entre 1901 e 1905. CHAPLIN, Jonathan. *O peso total das nossas convicções: o ponto do pluralismo kuyperiano*. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/glkiy8pmdlp0s3s/Pluralismo%20-%20Jonathan%20Chaplin.pdf?dl=0>>. Acesso em: 13 out. 2014.

³² O escopo deste trabalho não inclui uma discussão ampla dos desdobramentos e das críticas à doutrina da graça comum. Existem diversos textos que podem ser consultados a respeito, como: BRATT, 1998 (Especialmente o capítulo sobre igreja e teologia), p. 165ss.; KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003; McGOLDRICK, James E. *Abraham Kuyper: God's renaissance man*. Carlisle, Evangelical Press, 2009 (Especialmente o capítulo 12). p. 141ss.; ENGELSMA, 2012; HANKO, 2010, p. 347ss. O capítulo 34 do livro de Hanko, a respeito da Graça Comum, está disponível em português em: <http://www.cprf.co.uk/languages/portuguese_commongracehanko.htm#U4j1j_ldVOW>. Acesso em: 03 maio 2014. O próprio Kuyper é autor de uma obra extensa sobre graça comum (De gemeene gratie) publicada em três volumes entre os anos 1901-1905. Esta obra está em processo de tradução e publicação para a língua inglesa (<<http://www.acton.org/research/kuyper-translation-project>>. Acesso em: 12 nov. 2014). Koyzis lembra que “Kuyper deliberadamente escolheu a palavra holandesa *gratie* em vez do termo mais comum *genade*, para evitar a tese errônea de que a graça comum é idêntica à graça salvífica universal no sentido especificamente teológico”. Neste sentido a graça comum, para Kuyper, significaria “simplesmente que Deus, em sua misericórdia, preserva a criação contra os efeitos plenos do pecado, mesmo em meio à incredulidade humana”. KOYZIS, David T. *Visões e ilusões políticas: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 276-277.

mais justas até as mais ácidas e injustas. Mas, o que ambos queriam era uma base para não encarar o mundo e a cultura como totalmente hostis à igreja e a causa do reino de Deus. Não lhes interessava uma compreensão do evangelho que limitasse o cristianismo a uma religião ascética e sectária. Sua compreensão de que haveria uma graça comum de Deus operando em todo o mundo, permitindo que em todas as culturas se reconheça algo bom e verdadeiro se baseia também no Reformador João Calvino. Comentando o primeiro capítulo da carta pastoral de Tito, Calvino afirma que “toda verdade procede de Deus”, logo, “se algum ímpio disser algo verdadeiro, não devemos rejeitá-lo, porquanto o mesmo procede de Deus”. Portanto, continua o reformador, se “todas as coisas procedem de Deus, que mal haveria em empregar, para sua glória, tudo quanto pode ser corretamente usado dessa forma?”.³³ Compreendendo que há uma graça comum ou universal de Deus sobre o mundo, a verdade pode ser encontrada na vida e obra também dos não-cristãos, o que permitia, no caso dos neocalvinistas, justificar coalisões políticas com não-calvinistas,³⁴ por um lado, e, uma postura mais tolerante com diferentes tradições religiosas, por outro.

Num texto de 1909, intitulado *Calvin and Common Grace*,³⁵ Bavinck procura mostrar de forma mais direta a graça comum como uma ideia já presente em Calvino, no século 16. Bavinck inicia reafirmando a exclusividade de Cristo como a graça especial, a perfeita revelação de Deus ao mesmo tempo em que reconhece a rica tradição e desenvolvimento cultural que se pode observar em todo o mundo, independentemente das tradições religiosas. Tal constatação leva à questão sobre a relação entre o cristianismo e a riqueza do mundo natural. Bavinck parte do princípio de que todas as coisas foram dadas por Deus, o Criador de todas as coisas e, portanto, consideradas em si mesmas, nenhuma das coisas deste mundo é pecaminoso ou imundo em si. Tudo de bom e positivo espalhado pelo mundo receberiam a sua unidade e o seu centro em Cristo. O mundo, o Estado, a vida natural, o casamento e toda a cultura não devem ser considerados como pecaminosos em si mesmos.

Em Martim Lutero podem ser encontrados pensamentos que parecem subentender algo semelhante à graça comum. Althaus, por exemplo, lembra que “para Lutero, o ser Deus e o ser Criador são idênticos. Deus é Deus porque ele – e somente ele – é o Criador”. Althaus não chega a mencionar a graça comum e nem sugere que Lutero o utilizasse, entretanto, menciona algumas questões que podem remeter à ideia de graça comum quando trata da onipotência de Deus em Lutero. De acordo com Althaus, o mundo “não pode existir nem um só momento, a não ser que Deus o mantenha. Deus atua constantemente; e o mundo depende de sua contínua e ininterrupta atividade”. Althaus

³³ CALVINO, João. *Pastorais: série comentários bíblicos*. São José dos Campos: Fiel, 2009. p. 318.

³⁴ GODFREY, W. Robert. Calvino e o calvinismo nos Países Baixos. In: REID, Stanford W. (Ed.). *Calvino e sua influência no mundo ocidental*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990. p. 143.

³⁵ BAVINCK, Herman. Calvin and common grace. *The Princeton Theological Review*, v. 7. n. 3, 1909. p. 437-465.

procura explicar a maneira como Lutero compreendia a onipotência de Deus dizendo que esta

não é somente potencial, mas em constante ação (*aktuell*), correspondente a essa visão da divina criatividade. A onipotência de Deus não consiste simplesmente em ter o poder para fazer o que deseja ou não deseja fazer, mas na incessante atividade pela qual atua tudo em todos. Ser onipotente significa que Deus atua tudo em tudo que existe.³⁶

Althaus lembra ainda que Lutero não nutria uma “visão estreita sobre a capacidade moral do ser humano”. Para o reformador do século 16, as pessoas seriam capazes “de produzir um tipo de ‘justiça’” encontrado entre os diversos povos no mundo. É a justiça que se percebe “na história e nos negócios entre as nações”. Nas palavras de Althaus, “tais virtudes e obras são necessárias para preservar a paz e a ordem entre as nações”, sendo, portanto, uma justiça que Deus “usa para preservar paz e ordem no mundo e para prevenir o mundo de sua autodestruição”. Apesar de Althaus afirmar que na compreensão de Lutero “Deus também mantém os ímpios [...] em incansável movimento”,³⁷ ele não chega a falar em graça comum e nem chega a sistematizar de forma semelhante aquilo que vemos nos neocalvinistas holandeses. Nota-se, entretanto, potencial no pensamento de Lutero para dialogar e aproximar as ideias de forma a encontrar, sim, aspectos convergentes.

Reconhecendo a importância e o protagonismo de homens como Martin Lutero e Ulrico Zwínglio, Herman Bavinck destaca a contribuição de Calvino que teria ampliado a compreensão da fé para algo que renova todo o ser humano em seu ser e consciência, na alma e no corpo, em todas as suas relações e atividades, e, portanto, uma fé que exerce a sua influência santificadora em toda a gama da vida, sobre a Igreja e a escola, a sociedade e o Estado, na ciência e na arte. Uma fé pública, fundamentada na verdade da revelação de Deus e a serviço do mundo. Porém, com a queda e o pecado, as pessoas se tornaram culpadas e não possuem o verdadeiro conhecimento das coisas celestiais. Também a razão humana sofreria as consequências da queda, não alcançando a verdade de Deus de forma autônoma. Assim, além da graça comum, Deus se revelaria pela graça especial em Cristo, o conteúdo central do Evangelho. No Evangelho, além de *Criador*, Deus se revela como o *Redentor*. O Evangelho seria a revelação do conteúdo, do coração, do núcleo da vontade divina. Assim, Bavinck se baseia no reformador de Genebra para fundamentar a sua doutrina da graça comum pela qual Deus poupa o ser humano apesar de sua desobediência e pecado. Deus refreia o pecado e conserva a natureza permitindo que por todo o mundo a Sua glória continue a reluzir, revelando inúmeras maravilhas e a sabedoria divina. Inclusive a raça humana, apesar da queda, permaneceria como uma imagem de Deus, uma revelação dos dons de Deus no qual a semente da religião está

³⁶ ALTHAUS, Paul. *A teologia de Martinho Lutero*. Canoas: ULBRA, 2008.

³⁷ ALTHAUS, 2008, p. 122; 126; 129; 159.

presente.³⁸ Cada ser humano carregaria consigo este germe, uma consciência de Deus que o lembra que depende da graça celestial. Devido à corrupção do pecado o ser humano já não sabe quem é ou o que Deus quer com ele. Isso não significa, porém, que Deus o abandonou à própria sorte. Embora corrompidos, a razão, o juízo e a vontade, pertencem à natureza humana como graça de Deus. Motivo pelo qual as pessoas seriam capazes de distinguir entre a verdade e o erro, o bem e o mal, formar concepções e juízos, e também possuiria a vontade que é inseparável da natureza humana como a faculdade pela qual se esforça pelo que ele considera bom para si mesmo.³⁹ Questões que distinguem os seres humanos dos outros animais da criação.

Bavinck está dizendo que, apesar do pecado, haveria ainda uma luz a brilhar na escuridão. Seres criados à imagem e semelhança de Deus, os humanos carregam os princípios das leis que devem governá-los tanto individualmente quanto em sociedade. A cegueira não é completa. Um desenvolvimento cultural seria possível em todo o mundo, independentemente das religiões. O ser humano demonstra capacidade de aprender, inventar e descobrir novas coisas. Ele se organiza em sociedade, faz ciência e produz arte. Isso deveria ser reconhecido como ação de Deus no mundo através dos dons do Espírito. Bavinck esclarece que o Espírito Santo, como um espírito de santificação, habita somente os crentes, no entanto, como espírito de vida, de sabedoria e de poder ele também estaria atuante na vida de todos, mesmo de quem não acredita em Deus. Por isso, os cristãos jamais deveriam desprezar o mundo natural e toda a produção científica, artística e filosófica, mas encarar tudo como dom de Deus. Na diversidade de dons e talentos o ser

³⁸ Além da terminologia “semente da religião” a literatura cristã apresenta variações como “centelha divina” ou “*sensus divinitatis*” para referir-se ao princípio criacionista da *imago Dei* a partir da qual seria “impossível tirar Deus do ser humano”. Tal maneira de compreender os seres humanos remontaria a Agostinho de Hipona que compreendia os seres humanos como “seres não apenas corporais, mas espirituais”, pois seria da natureza humana “buscar o além e ansiar pelo divino”. THROUP, 2011, p. 49. Gianastacio argumenta que “independente da cultura, percebemos a presença de alguma religião. Até onde sabemos, a história, a sociologia, a filosofia, a antropologia não registraram nenhum povo ou cultura que existiu sem a presença da religião. Nesse sentido, entendemos que a religião é algo inerente ao ser humano”. GIANASTACIO, Vanderlei. Compreendendo as religiões no contexto brasileiro: uma análise comparativa entre as práticas de religiões primitivas e da igreja atual. In: REGA, Lourenço Stelio (Org.). *Quando a teologia faz diferença: ferramentas para o ministério nos dias de hoje*. São Paulo: Hagnos, 2012. p. 188. Trata-se da fome e inquietude humana que só encontraria descanso em Deus. KOYZIS, 2014, p. 34. Nas palavras do próprio Agostinho, dirigindo-se a Deus, “porque nos criastes para Vós e nosso coração vive inquieto, enquanto não repousar em Vós” (Agostinho. *Confissões*, 1.1). Ao tratar da força da religião como elemento social Bavinck argumenta que “a religião está mais profundamente arraigada no coração humano do que qualquer outra coisa”. A razão disso seria o fato de que a religião “é o resultado imediato de nossa criação à imagem de Deus e, portanto, é radicalmente integrante de nossa natureza”. BAVINCK, v. 4, 2012, p. 280.

³⁹ De acordo com Bavinck, “toda criatura recebeu uma natureza própria e, com essa natureza, uma existência, uma vida e uma lei próprias. Assim como a lei moral era inata ao coração de Adão como a regra para sua vida, assim também todas as criaturas levavam em sua própria natureza os princípios e as leis para seu próprio desenvolvimento”. BAVINCK, Herman. *Dogmática reformada: Deus e a criação*. v. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. p. 621. E, ainda, “todos os seres humanos têm consciência mais ou menos precisa do pecado, da culpa e da punição e, ao mesmo tempo, também da lei moral e do bem que são obrigados a fazer”. BAVINCK, v. 4, 2012, p. 135.

humano revela sua imagem divina. Seria necessário e justo, portanto, seguindo Calvino, reconhecer o que existe de bom e verdadeiro onde quer que se encontre. Em toda parte haveria evidências da bondade, da sabedoria e do poder de Deus. Os cristãos, com base na graça comum, teriam argumento e motivação para reconhecer o bom, o belo e o justo onde quer que se manifeste, independentemente das diferenças de crença e cultura. Existe muito mais a ser celebrado do que condenado no mundo que é a criação boa de um Deus bom!

O amor ao próximo ensinado por Jesus Cristo deve levar não só ao reconhecimento da graça de Deus que opera no mundo como também libertar para o serviço a partir dos dons em favor do outro. Haveria, portanto, uma exortação para que o cristão, além de demonstrar as virtudes passivas de submissão, humildade, paciência, abnegação e do carregar a cruz, esteja aberto também à sua vocação ativa no mundo, até mesmo, em cooperação com ele quando este opera na direção da vontade de Deus. Bavinck lembra que foi convicção comum dos reformadores que a perfeição cristã deveria ser realizada não acima e fora, mas dentro da esfera da vocação designada aos cristãos por Deus aqui na Terra. A perfeição não consistiria em mandamentos humanos ou regras eclesiais arbitrárias, tampouco em desempenhar todo tipo de atividades extraordinárias. Tal vocação consistiria no fiel desempenho de seus deveres diários comuns que foram estabelecidas por Deus sobre todos os seres humanos na condução da vida. A vida em toda a sua extensão, seja em largura ou em profundidade, está incluída no reino de Deus.

A Reforma propõe uma ética que não se resume ao desprezo pelo mundo. Diferente da ética medieval, a compreensão é de que o cristão é chamado a reconhecer tudo como dom de Deus. Este deveria aproveitar todas as coisas sem se deixar possuir por elas. O cristão deveria, sim, odiar o pecado, mas, sem nunca odiar a vida em si. A própria vida é uma vocação divina que gera segurança e senso de pertencimento e chamado no mundo. Não há criatura divina que não reflita a glória de Deus e, portanto, não haveria nenhuma tarefa a ser menosprezada ou mesmo considerada inferior. Conclui-se, portanto, a necessidade de se resgatar todos os bens da vida que o moralismo ascético teria abandonado por considerá-los desonrosos. Em sua leitura de Calvino, Bavinck conclui que se deveria concordar que todas as boas coisas que Deus criou comprovam que Ele não restringiu o uso dos bens terrenos apenas para a satisfação das necessidades absolutas, mas as deu ao ser humano também para que este encontrasse prazer na vida. A relação das pessoas com as boas coisas da vida não deveriam ser reguladas forçando as consciências com regras rígidas, mas, deveriam ser reguladas livremente pelos princípios gerais estabelecidos nas Escrituras.

Nesta compreensão da graça comum, nada no mundo seria considerado impuro em si mesmo. Cada criatura e cada vocação tem sua própria natureza peculiar: Igreja e Estado, a família e a sociedade, a agricultura e o comércio, a arte e a ciência seriam todas

instituições e dons de Deus, mas cada um em si, uma revelação especial da vontade divina e, portanto, possuindo a sua própria natureza. A unidade e a diversidade em todo o mundo, da mesma forma, apontariam para a vontade soberana, onipotente, clemente e misericordiosa de Deus. Portanto, toda tirania deveria ser combatida, tanto da igreja quanto do Estado. A luta não seria, portanto, contra carne e sangue (pessoas em si) mas, contra toda maldade e injustiça onde quer que ela se manifeste (Ef 6.12).

Para Leeuwen, a graça comum, como articulada por Bavinck, fornece uma base para lidar com os problemas fundamentais enfrentados pela igreja e pela teologia. Permite reconhecer a importância da criação e da cultura humana como boas dádivas de Deus que não só formam a arena de sua atividade redentora, mas são elas próprias sujeitos à redenção. Fica evidente que a fuga do mundo não é uma opção cristã adequada. Existe a responsabilidade humana para a cultura e a criação no contexto da soberania definitiva do Criador e da redenção de todas as coisas em Cristo. Ciência e erudição, arte e política, vida pública e doméstica, tudo tem sua base na graça comum. Tal graça sustenta a ordem da criação, mesmo quando todas as coisas esperam por renovação pela graça salvífica de Deus em Cristo.⁴⁰

São diversas referências bíblicas que Bavinck utiliza para sistematizar a doutrina da graça comum. Mesmo afastado da presença de Deus por causa de fratricídio (Gn 4.14,16), Caim continuaria a viver. A graça permanece sobre ele no lugar de estrita justiça. Caim pode tornar-se o pai de uma tribo que direciona sua mente para a tarefa de subjugar a terra e prosseguir no desenvolvimento da cultura humana (Gn 4.15-24). Por outro lado, os descendentes de Sete preservariam o conhecimento e o serviço de Deus (Gn 4.25-5.32). Posteriormente, após o dilúvio, mesmo que a unidade da raça humana não seja mais totalmente restaurada, as tribos que surgem continuam a viver sob a graça.⁴¹ Bavinck destaca a ação de Deus na graça comum baseando-se em diversas passagens bíblicas para dizer que a economia da divina paciência e longanimidade de Deus começa (Rm 3.25); que os tempos da ignorância tem início (At 17.30); que Deus permite que as nações andem nos seus próprios caminhos (At 14.16). No entanto, este Deus não deixaria a si mesmo sem testemunho (At 14.17). Nele tudo se move e tem seu ser; Ele não está longe de cada um deles (At 17.27-28). Ele revela-se às pessoas de todo mundo nas obras da natureza (Rm 1.19). Cada dom excelente e perfeito entre as nações descenderia do “Pai das luzes” (Tg 1.17). O Logos, criador e mantenedor de todas as coisas, iluminaria todo ser humano que vem ao mundo (Jo 1.9). O Espírito Santo seria o autor de toda a vida, de todos os poderes e de todas as virtudes (Gn 6.17; 7.15; Sl 33.6; 104.30; 139.2; Jó 32.8.; Ec 3.19). Haveria, portanto, uma rica revelação de Deus entre as nações e, não só na natureza, mas também no coração e na consciência das pessoas, em sua vida e em sua história, entre os seus

⁴⁰ BAVINCK, 1989, p. 37.

⁴¹ BAVINCK, 1989, p. 40.

estadistas e artistas, seus filósofos e reformadores. Não haveria razão para ofuscar ou diminuir essa revelação divina que existe em todas as coisas.⁴²

Recorrendo à Reforma, haveria margem para compreender que também a razão é um dom precioso de Deus e a filosofia poderia ser tomada igualmente como esplêndida graça. Da mesma forma, poderia se assumir uma atitude positiva para com a música e diferentes expressões da arte, as ciências e o Estado. Assim, Bavinck entende que especialmente os reformados teriam conseguido manter o caráter particular e absoluto da religião cristã, por um lado, enquanto do outro podiam apreciar toda a beleza e o valor que se manifesta entre os seres humanos por todos os lugares do mundo. Reconheciam, portanto, a seriedade e radicalidade do pecado ao mesmo tempo em que viam com legitimidade o natural.

Finalmente Bavinck tratará da graça comum argumentando sobre a sua relevância para a sua época. Bavinck deixa evidente de imediato que ele estava encarando o dualismo grego e sua influência na teologia como o grande desafio de seu tempo.⁴³ A relação entre fé e conhecimento, teologia e filosofia, autoridade e razão, cabeça e coração, cristianismo e humanidade, religião e cultura, vocação celestial e terrena, religião e moralidade, vida contemplativa e ativa, sábado e dia de trabalho, igreja e Estado, são determinadas pelo problema da relação entre criação e recriação, entre a obra do Pai e a obra do Filho. Mesmo o homem simples, mais comum, encontra-se preso a esta luta, sempre que ele sente a tensão que existe entre a sua vocação terrena e a celestial.⁴⁴

Em seu próprio contexto holandês, que viu o processo de secularização substituindo a doutrina da encarnação de Deus pelo dogma da divinização do homem, perdura a tendência de uma vida que oscila entre o mundanismo e a fuga do mundo. Bavinck se referia a luta entre cabeça e coração em busca de supremacia. E, com esta

⁴² BAVINCK, 1989, p. 41. Aqui Bavinck falará ainda sobre o que ele compreende ser a diferença entre a religião de Israel e as demais religiões do mundo. Para ele, esta diferença não se basearia no conceito de revelação, pois não se expressa através da oposição de uma *religio revelata* (religião revelada) e uma *religio naturalis* (religião natural). Para Bavinck, a "religião natural" não seria uma religião de fato, mas, uma filosofia. Todas as religiões são positivas, continua Bavinck, pois elas descansariam sobre uma revelação real ou suposta. Logo, a diferença material em questão, estaria na *gratia*; a *gratia specialis* (graça especial) que seria algo desconhecido para os pagãos. As religiões em geral seriam, portanto, todas produto da vontade humana. Uma espécie de subprodutos de degenerações da *foedus operum* (Pacto das Obras) que foi quebrada. Naquelas religiões, seria sempre o ser humano quem realizaria sua própria redenção. Exercícios como de purificação, ascese, penitência, sacrifício, o cumprimento da lei, a contemplação e similares seriam o caminho para a salvação. Diferente, portanto, da religião de Israel, onde a graça especial, a *foedus gratiae* (Pacto da Graça) aparece como algo totalmente novo e maravilhoso, estabelecido por Deus com Abraão e sua descendência. *Elohim*, o Deus da criação e da natureza, tornar-se-ia conhecido a Israel como o Senhor, o Deus da Aliança. Uma revelação que se conectaria à história anterior e à revelação de Deus já existentes.

⁴³ Sobre o pensamento de Bavinck e o dualismo na teologia cristã ver RAMLOW, Rodomar Ricardo. O dualismo grego na teologia cristã: contribuições do neocalvinismo holandês para o resgate de uma teologia integral. In: BOBSIN, Oneide; SCHAPER, Valério Guilherme; REBLIN, Andréas (Orgs.). *Cartografias do sagrado e do profano: religião, espaço e fronteira*. São Leopoldo: EST, 2014. p. 475-489.

⁴⁴ BAVINCK, 1989, p. 56.

realidade, para fugir também da tentação do antinomianismo, Bavinck defente que natureza e graça são necessárias; nenhuma delas pode ser negada ou desprezada. Nota-se, portanto, uma clara postura crítica de Bavinck aos seus irmãos de tendências mais pietistas e que acreditavam que deveriam abster-se totalmente do envolvimento com a cultura.⁴⁵

O tema da graça comum deve ser considerado em relação a outras abordagens de Bavinck e que refletem o contexto de sua época. Para que os cristãos pudessem assumir uma postura mais clara e abrangente na esfera pública frente à cultura em geral, o mandato cultural e a graça comum precisavam ser ensinados e compreendidos pela igreja. E, um aspecto que contribuía para a privatização da fé e para uma postura mais sectarista dos cristãos era a influência grega com seu dualismo matéria/espírito. Se a Reforma do século 16 já procurou superar tal dualismo, é fato que nos séculos posteriores diversas tendências e novos movimentos acabaram novamente incorporando uma visão que dava preferência ao espiritual e questões relacionadas à alma em detrimento do material e ao que se relaciona ao corpo e todo o mundo natural. A ideia de que há uma graça comum de Deus sobre o mundo liberta os cristãos, no entanto, para viverem mais plenamente suas vidas, sem falsos moralismos e legalismo que divide, de forma equivocada, a realidade e as pessoas. O filósofo Herman Dooyeweerd expressa declarando que

a revelação da graça comum de Deus, apresentada à sua criação caída como uma totalidade ainda integral, protege a cristandade bíblica do orgulho sectário que leva um cristão a fugir do mundo e a rejeitar, sem motivo, tudo o que surge na cultura ocidental, além da imediata influência da religião. Lampejos da glória original da criação de Deus brilharão em todas as fases da cultura, em maior ou menor grau, mesmo que o desenvolvimento humano tenha ocorrido sob a orientação de poderes espirituais apóstatas. A humanidade não pode negar esse fato sem ser acusada de grande ingratidão.⁴⁶

Existe, sim, uma antítese reconhecida pelos cristãos, mas, tão somente entre o reino de Deus e o reino das trevas.⁴⁷ A graça comum, portanto, fornece uma base para que

⁴⁵ Os movimentos de reavivamento e origem de novas igrejas cristãs era algo presente na Holanda do século 19 e na história do próprio Bavinck. A motivação de tais movimentos carregava um forte sentimento de asceticismo, separação e de exclusividade. Alister McGrath lembra que o termo “pietismo” carregava uma conotação negativa, sendo aplicado originalmente pelos opositores do movimento ortodoxo no protestantismo que enfatizavam a “importância da doutrina para o cotidiano na vida cristã”. McGrath apresenta Nicolau Ludwig Graf von Zinzendorf (1700-1760) e John Wesley (1703-1791) como representantes do movimento pietista que, apesar de seus defeitos e deficiências comumente apresentados, tinha também seus aspectos positivos. MACGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005. p. 118-119.

⁴⁶ DOOYEWEERD, Herman. *Raízes da cultura ocidental: as opções pagã, secular e cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. p. 54.

⁴⁷ Abraham Kuyper compreendia tal antítese espiritual como a existência de “dois tipos de consciência humana: a do regenerado e a do não regenerado” que, por isso, não podem gerar percepções idênticas da realidade. KUYPER, 2003, p. 144.

os cristãos envolvam-se em atividades sociais, políticas e culturais, inclusive, aliando-se com outros grupos em causas afins e dialogando sobre os dilemas do mundo na busca por justiça e paz.

Considerações finais

Embora a obra de Herman Bavinck ainda careça de estudo, pesquisa e debates no Brasil, o conceito de graça comum revela potencial para contribuir na formação de uma teologia mais aberta e receptiva de modo a favorecer a prática de uma igreja mais atenta com a cultura local. Mais do que isso, a graça comum alimenta o escopo doutrinário dos cristãos de modo a potencializar uma verdadeira libertação de falsos pressupostos que impedem muitas pessoas de celebrar e desfrutar sem culpa e neurose o que há de bom na criação de Deus. É possível superar as barreiras criadas por subculturas sectárias e reconhecer a bondade e a sabedoria divina que se manifesta no mundo. A graça de Deus está presente e atuante no mundo, impedindo uma degeneração total e permitindo a produção de artefatos culturais a partir de todos os seres humanos criados à sua imagem e semelhança. Não somente cristãos, mas, todas as pessoas manifestam tal imagem nas mais variadas formas. Apesar do poder destrutivo e da corrupção do pecado, prevalece esta verdade de que todos somos feitura de Deus. Assim, embora muito da produção humana reflita as consequências da queda, também é verdade que tudo está sujeito à redenção.

Os cristãos, portanto, estão livres para identificarem os sinais do reino, as bênçãos da graça comum de Deus onde que estejam. E, ali onde houver pessoas engajadas em causas que provem a paz, a justiça, a solidariedade e todo tipo de políticas públicas favoráveis aos princípios do reino de Deus, o cristão pode se aliar sem medo de comprometer sua fé e fidelidade ao seu Senhor. Além de acolher e celebrar a boas coisas da criação e que se manifestam também na cultura humana, os cristãos podem discernir quais as causas às quais podem se aliar para lutar por um mundo melhor, mais justo e de acordo com a vontade de Deus para todos, cristãos e não cristãos. E, as diferenças, que existem também e se manifestam de forma bem concreta, não precisam estar sempre à frente como elemento de separação e beligerância, mas, havendo espaço, podem ser tratados em atitude respeitosa e de testemunho cristão que é pautado pelo amor.

Referências

ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

ALTHAUS, Paul. *A teologia de Martinho Lutero*. Canoas: ULBRA, 2008.

BAVINCK, Herman. Calvin and common grace. *The Princeton Theological Review*, v. 7. n. 3, 1909.

_____. Common Grace. *Calvin Theological Journal*, n. 24, 1989.

_____. *Dogmática reformada: Deus e a criação*. v. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

_____. *Dogmática reformada: Espírito Santo, Igreja e nova criação*. v. 4. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

_____. *Dogmática reformada: o pecado e a salvação em Cristo*. v. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BOLT, John. *Introdução do organizador*. In: BAVINCK, Herman. *Dogmática reformada: prolegômena* v. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BRATT, James D. *Abraham Kuyper: a centennial reader*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

CALVINO, João. *Pastorais: série comentários bíblicos*. São José dos Campos: Fiel, 2009.

CAVALCANTE, Ronaldo. *A cidade e o gueto: introdução a uma teologia pública protestante e o desafio do neofundamentalismo evangélico no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

CHAPLIN, Jonathan. *O peso total das nossas convicções: o ponto do pluralismo kuyperiano*. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/glkiy8pmdl0s3s/Pluralismo%20-%20Jonathan%20Chaplin.pdf?dl=0>>. Acesso em: 13 out. 2014.

COSTA, Antônio Carlos. *Convulsão protestante: quando a teologia foge do templo e abraça a rua*. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

CUNHA, Magali do Nascimento. Religião na esfera pública: a tríade mídia, mercado e política e a reconstrução da imagem dos evangélicos brasileiros na contemporaneidade. In: REBLIN, Iuri; SINNER, Rudolf von (Orgs.). *Religião e Sociedade: desafios contemporâneos*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.

DOOYEWEERD, Herman. *Raízes da cultura ocidental: as opções pagã, secular e cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

ENGELSMA, David J. Herman Bavinck: the man and his Theology. *Protestant Reformed Theological Journal*, v. 46, n. 1, nov. 2012.

FRESTON, Paul. *O sentido do Censo 2010*. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/338/o-sentido-do-censo-2010>>. Acesso em: 04 mar. 2015.

GIANASTACIO, Vanderlei. Compreendendo as religiões no contexto brasileiro: uma análise comparativa entre as práticas de religiões primitivas e da igreja atual. In: REGA,

Lourenço Stelio (Org.). *Quando a teologia faz diferença: ferramentas para o ministério nos dias de hoje*. São Paulo: Hagnos, 2012.

GLEASON, Ronald N. *Herman Bavinck: pastor, churchman, statesman, and theologian*. Phillipsburg: P&R Publishing, 2010.

GODFREY, W. Robert. Calvinismo e o calvinismo nos Países Baixos. In: REID, Stanford W. (Ed.). *Calvino e sua influência no mundo ocidental*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

GONDIM, Ricardo. *Missão integral: em busca de uma identidade evangélica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

HANKO, Herman. *Contending for the faith*. Jenison: Reformed Free Publishing Association, 2010.

JENKINS, Philip. *A próxima cristandade: a chegada do cristianismo global*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

KOYZIS, David T. *Visões e ilusões políticas: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

MACGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

McGOLDRICK, James E. *Abraham Kuyper: God's renaissance man*. Carlisle, Evangelical Press, 2009.

RAMLOW, Rodomar Ricardo. O dualismo grego na teologia cristã: contribuições do neocalvinismo holandês para o resgate de uma teologia integral. In: BOBSIN, Oneide; SCHAPER, Valério Guilherme; REBLIN, Andréas (Orgs.). *Cartografias do sagrado e do profano: religião, espaço e fronteira*. São Leopoldo: EST, 2014.

_____. *O neocalvinismo holandês e o movimento de cosmovisão cristã*. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2012.

REICHOW, Josué. *A filosofia reformada de Herman Dooyeweerd e suas condições de recepção no contexto brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, 2014.

THROUP, Marcus. *A Igreja na berlinda: reflexões sobre o cristianismo brasileiro por um filho adotivo*. Curitiba: Encontro, 2011.

VERGARA, Luciano P. *Brasil: 22,2% de evangélicos*. Blog pessoal do autor. Disponível em: <<http://lpereyra.blogspot.com.br/2012/07/brasil-222-de-evangelicos-luciano-p.html>>. Acesso em: 04 mar. 2015.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. O público em “Teologia Pública”. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 53, n. 1, 2013.

_____. *Para uma Teologia Pública*. São Paulo: Fonte Editorial/Faculdade Unida, 2012.